

## DA LITERATURA COMO PARTILHA

Literature as sharing

Giliard Avila Barbosa  
 Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)  
[barbosagiliard@gmail.com](mailto:barbosagiliard@gmail.com)

### RESUMO

A partir das tessituras de uma tese, este texto se configura como retomada de percurso, discutindo os fundamentos de sua escrita e a possibilidade, vislumbrada no realizar da pesquisa, de se repensar a escrita acadêmica como espécie de partilha, o que pressupõe a assunção de uma postura de autoria diferente da tradicional. Nesse sentido, a discussão se alimenta de breves reflexões sobre o fazer acadêmico na área da Literatura, questionando a preocupação com certa fruição estética como peça-chave na instituição de uma escrita efetivamente acessível, democrática e desejante, na qual o leitor se inscreve não apenas como receptor de um registro, mas também como sujeito capaz de tomar decisões ao aceitar um convite à viagem.

**PALAVRAS-CHAVE:** literatura; partilha; escrita acadêmica.

### ABSTRACT

Based on the weavings of a thesis, this text is configured as a resumption of the course, discussing the foundations of its writing and the possibility, glimpsed in the research, of rethinking academic writing as a kind of sharing, which presupposes the assuming a posture of authorship different from the traditional one. In this sense, the discussion feeds on brief reflections on academic practice in the field of Literature, questioning the concern with a certain aesthetic fruition as a key element in the institution of an effectively accessible, democratic and desiring writing, in which the reader subscribes not only as a recipient of a record, but also as a subject capable of making decisions when accepting an invitation to travel.

**KEYWORDS:** literature; sharing; academic writing.

Gosto de me imaginar, como professor, enquanto um sujeito que partilha não apenas conhecimentos acadêmicos, mas também – e sobretudo – memórias, num intento talvez ingênuo de assimilar-me à figura do narrador grávido de Galeano<sup>1</sup>. Enquanto pesquisador, vou trilhando o mesmo caminho, brotado de vozes que, como eu, transitam atravessadas por outras tantas, *um mar de fogueirinhas*<sup>2</sup> que vão se acendendo enquanto nós dois, eu e tu, vamos instaurando também o nosso partilhar. Visto de cima, o mar de fogos que abre *O livro dos abraços* faz-se constelação terrena: só se divisam as luzes porque se interseccionam. Ainda que algumas, mais evidentes, possam alumiar e incendiar outras, não há luz que seja mais importante que a outra, posto que não têm o mesmo brilho senão em conjunto. Quando se fala em Literatura, é nesse papel constelar e de partilha que se entrecruzam o professor, o pesquisador e o escritor, faces identitárias inexistentes fora da possibilidade comunitária da troca.

<sup>1</sup> Em seu *O livro dos abraços*, Eduardo Galeano nos conta, em “A paixão de dizer/2”: “Esse homem, ou mulher, está grávido de muita gente. Gente que sai por seus poros. Assim mostram, em figuras de barro, os índios do Novo México: o narrador, o que conta a memória coletiva, está todo brotado de pessoinhas” (GALEANO, 2009, p. 18).

<sup>2</sup> Tomo a liberdade de fazer nova referência a *O livro dos abraços*, agora a partir de seu primeiro texto, intitulado “O mundo”, no qual se relata a história de um homem de uma aldeia do litoral colombiano que, tendo logrado subir aos céus e visto, dessa perspectiva, a humanidade, retorna revelando sermos, todos, fogueiras. O texto assim se encerra: “Alguns fogos, fogos bobos, não alumiam nem queimam; mas outros incendeiam a vida com tamanha vontade que é impossível olhar para eles sem pestanejar, e quem chegar perto pega fogo” (GALEANO, 2009, p. 13).

Pensar a pesquisa em literatura fundamentalmente como um encontro – não apenas em termos de conteúdo, mas também de forma – foi uma das linhas de força que motivou a escrita da tese *Do mergulho ao vulcão: habitar a poesia com Aimée G. Bolaños e Marie-Célie Agnant*, defendida em dezembro de 2019. Enquanto sujeito, mas também enquanto professor do ensino básico, me inquieta a ciência que só se faz luz aos já iniciados. Desejava um texto desejante, que se tecesse como convite à troca; um texto que possibilitasse uma conversa científica, mas, também, alguma fruição estética; um texto que se instaurasse efetivamente como possibilidade de partilha. Partilhar, recordar, significa dividir, repartir, participar, bem como narrar, contar algo<sup>3</sup>. Em todos esses significados, uma constante: a tessitura de um movimento em direção ao outro, movimento que se dá de forma múltipla e horizontal, que foge às hierarquias, navegação em que doo, troco, aprendo e construo no diálogo contigo, que me lê. Nesse sentido, partilhar implica também errar, tanto no sentido de errância quanto no de erro. No espaço-tempo da troca, o professor-pesquisador mostra ao aluno que também se equivoca; o autor convida o leitor a caminhar junto com ele e a tecer desvios na rota inicialmente traçada. A escrita como partilha implica esse olhar para e com o outro, olhar em que, com esse outro, vejo-me a mim, também, revisitando-me no processo de recuperar trajetórias, sem a pretensão de apresentar a pesquisa como uma verdade revelada.

Acreditar na literatura e na escrita acadêmica como possibilidades de instanciação de um espaço-tempo de partilha pressupõe, segundo as estratégias de tessitura verbal que adotei com relação à tese, modos específicos de se conceber não apenas o fazer da pesquisa, mas também, em termos de textualidade, o tramar da autoria, da palavra, do leitor – sobretudo do leitor acadêmico. Nessa perspectiva, tanto o autor literário quanto o autor acadêmico são sujeitos “brotados de vozes”, leitores de outros autores que se fazem carne na enunciação. No emaranhado das referências, assumem necessariamente uma posição de partilha: oferecem o que têm, compreendem a necessidade do recorte, mas advogam em favor da abertura e da multiplicidade, deixam rastros, apontam veredas. Transitam, realizam cartografias, urdem desejos a partir dos fragmentos de outras leituras que sevolvem decalques, tentativas de apreensão de um estar sendo<sup>4</sup> e, em certa medida, de fuga aos mosaicos de citações.

A palavra – rastro, caminhada e porvir – germina na página, em contato com o leitor, que caminha conosco. Em se tratando de literatura, a palavra em contexto científico se desamarra da exclusividade de um imperativo descritivo: mais do que um item em exposição, o gesto poético impregna também o tecer do pesquisador, é vida pulsante em trama urdida com afeto no seu sentido mais freiriano<sup>5</sup>. Os sentidos se constroem também no transitar do leitor, quem, alimentado com os nossos teceres, cria também os seus, atravessado pela possibilidade produtiva suscitada pelas vozes com que cruza na estrada. Assim, retomando o *mar de fogueirinhas* de Galeano, poderíamos dizer que, se nós iluminamos a princípio o percurso, é o leitor quem, tocado por nós, vislumbra os sentidos que ainda se movem na escuridão e que nós não pudemos alcançar nessa travessia. E é nesse vislumbrar que ele também nos ilumina, vislumbre que se potencializa na comunhão poética de uma escrita que não se propõe dissecante, mas que perscruta sem abdicar do encanto. Nessa perspectiva, o escritor-autor-professor-pesquisador se constrói como

<sup>3</sup> Segundo o *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa (on-line)*, partilhar significa “1. Fazer partilha ou a divisão em partes de. = compartilhar, distribuir, dividir, repartir. 2. Ter ou experienciar os mesmos sentimentos, ideias ou pontos de vista [...]. = participar. 3. Ter as mesmas características que outro [...]. 4. Narrar a alguém um sentimento ou uma experiência [...]. = contar, revelar. 5. Distribuir ou publicar na Internet ou numa rede social”.

<sup>4</sup> Para a construção da pesquisa e a possibilidade de concebê-la na perspectiva que aqui se coloca, foram fundamentais os estudos de Deleuze e Guattari (2011; 2012) e, sobretudo, as leituras que realizei de Glissant (1993; 2005), evidentemente vinculadas às discussões deleuzianas. No primeiro capítulo da tese, registro meu percurso enquanto pesquisador, a deriva por entre diferentes referenciais, construindo, com o leitor, essa tentativa de apresentar toda pesquisa como um devir. Os conceitos de *cartografia* e de *decalque* daí advêm. O conceito de *estar sendo*, por sua vez, aparece mais nomeadamente nas discussões de Glissant, embora já presente nas tessituras dos filósofos. Essas discussões se encontram, de forma mais detalhada, na tese a que se refere este texto.

<sup>5</sup> Vecchia recorda que, na prática freiriana, “não há pensamento crítico e ética sem a mobilização sensível e emocionada diante do outro na sua condição histórica” (VECCHIA, 2010, p. 26). E não é disso que se trata, também, quando se pensa a partilha em literatura?

aquele que fornece as ferramentas iniciais para uma travessia que só ganha sentido no estar com o outro. A constelação só existe, recordo, no conjunto<sup>6</sup>.

Tocado por essas percepções – que agora se fazem mais evidentes e fundamentadas, para mim, do que quando iniciei o percurso –, foi que urdi a tese como convite e como viagem. Como movimentos, convite e viagem pressupõem uma diferença preposicional com relação ao outro: um transitar do *para* ao *com*, um deslocar-se discursivo que muito me interessa e que, em certa medida, dá corpo às tessituras do trabalho. E talvez aí resida a diferença fundamental na adoção de uma postura de partilha na pesquisa em literatura: a crença na possibilidade de estabelecimento de diálogo com quem ainda não trilhou seus passos nessas veredas. Diferentemente do que podem sugerir, à primeira vista, as preposições, a partilha não reside em uma ou outra postura, mas no transitar entre elas. Escrever apenas *para* uma determinada comunidade pode implicar a adoção de uma postura didático-hierárquica, a palavra posta como doutrina do imperativo descritivo, o trabalho de pesquisa como revelação que se expõe ao leitor. Escrever apenas *com* implica a abertura a um indivíduo que tenha já trilhado um caminho na mesma seara que eu, uma leitura de iniciados, a possibilidade da troca apenas quando se pressupõe a existência de um ponto de partida comum. Escrever no trânsito entre essas duas posturas, por sua vez, nos retira da posição de expositores de uma reflexão já dada e transmitida e nos reinscreve na pesquisa como sujeitos-palimpsestos: tendo já tomado decisões no decorrer da pesquisa, regressamos a um ponto do percurso para apresentar, estendendo a mão para o leitor, as derivas que nos levaram até o começo daquele registro. Apresentamos as descobertas, os equívocos, as contradições, as tensões do fazer acadêmico, escancaramos em alguma medida a parte da bagagem que costuma ficar no quarto dos fundos, fechado à chave. E é a partir desse processo de autodesvelamento que o convite passa a dar lugar à viagem: equipado conosco, munido de uma escrita que se esforça por oferecer-lhe condições de seguir a caminhada conjunta, o leitor decide se deseja prosseguir viagem<sup>7</sup>.

No caso de *Do mergulho ao vulcão*, o leitor é convidado às decisões desde o momento em que aporta às primeiras páginas. Como gesto poético, a tese se tece em dupla via: no corpo do texto, se coloca como leitura fluida, oferta de uma fruição estética para além da exposição das análises e dos dados; nas notas de rodapé, instaura registros da busca investigativa, dá espaço aos mosaicos de citações e às referências àquele que procura por um amparo documental. Uma vez que tenha adentrado as tramas do texto, o leitor pode aí mover-se como desejar: pode flertar com as notas, percorrer apenas as linhas em fonte 12, pode escolher por que capítulo começar. Se o primeiro, por um lado, reconstrói o meu percurso enquanto pesquisador, desvelando minhas derivas pela teoria e a constante reconfiguração de meu objetivo de pesquisa, a partir de um olhar cada vez mais atento às reverberações dos textos poéticos estudados; os outros capítulos, no entanto, são tecidos como constelações de fragmentos, cada grande bloco debruçando-se sobre um objetivo específico, cuja apreensão independe, em grande medida, da leitura do anterior – embora evidentemente a sequência apresentada se organize de forma que um capítulo forneça mais subsídios à leitura do próximo. Assim, o primeiro capítulo engendra o convite à viagem, essa cuja cartografia o leitor pode tecer segundo suas escolhas, sabendo dos alicerces da caminhada.

<sup>6</sup> A leitura da constelação como significado em conjunto não é criação minha. Minha discussão a respeito da formação constelar, na tese, parte do entrecruzar de Benjamin (1984), Barthes (2015) e Glissant (2005), que contribuem para iluminar sobretudo minha leitura dos mitos na literatura contemporânea, bem como dos movimentos que se operam nas poéticas de Aimée G. Bolaños e Marie-Célie Agnant, sobre as quais falarei em seguida.

<sup>7</sup> Agradeço aqui ao amigo Marcelo Ádams, quem me apontou a possibilidade de uma dupla percepção do convite enquanto imagem: numa postura discursiva centrada no *para*, talvez o convite se converta em bilhete, em tíquete com lugar marcado para uma viagem com destino acabado, sem desvios. Atentando para isso, talvez concluamos juntos que o convite só se configura como tal, efetivamente, numa posição de partilha, quando autor e leitor, além de transitar entre as preposições, substituem a unilateralidade de um *para* pelo instigar de um *a*, com destino aberto, com possibilidades de múltiplos percursos, com a multidirecionalidade de um rizoma. É no encontro da potência de porvir de um *a* e do desejo de congregação de um *com* que o texto acadêmico-literário se faz pulsante. E é na transformação do *para* em *a* que se inicia um germe de partilha, afinal.

Assim como o primeiro capítulo se constitui como registro de um mover-se pelas teorias, os capítulos seguintes também vão inscrevendo movenças. No segundo capítulo, “Cosmovisões”, o leitor é convidado a aventurar-se pelas biobibliografias poéticas de Aimée G. Bolaños e Marie-Célie Agnant<sup>8</sup>, duas autoras da diáspora caribenha cujas obras constituem o cerne do trabalho de pesquisa. Nessas tessituras, cada fragmento nos vai aportando ora uma faceta da vida da autora, ora uma de suas obras, ora a incidência de um mito ou de um movimento constante em seu fazer poético. O estudo do conjunto de cada obra possibilita a constituição de um arcabouço de imagens e de estratégias de tessitura verbal que contribui para a chegada aos capítulos seguintes, intitulados “Mergulhares” e “Vulcões”. Neles é que são, então, analisadas as obras-base da pesquisa, fundamentada também nos movimentos como engendranes dessas poéticas: assim como o pesquisador e o leitor transitam; assim como as autoras constituem suas identidades no trânsito; assim como esse trânsito autoral reverbera na escrita ficcional em temas e imagens, as urdiduras de cada poema, entrelaçando imagem e forma, se movem entre mergulhos e erupções. Por fim, “Do mergulho ao vulcão: tessituras constelares” recupera o percurso empreendido, apontando para múltiplas possibilidades de rediscussão, constelando dizeres, desejos, rastros que ficaram da jornada, do pesquisador, das ficções. A esse último capítulo segue-se uma antologia traduzida, um intento de possibilitar aproximações entre os não familiarizados com o francês e/ou o espanhol – línguas maternas das autoras – e as ficções nas quais mergulhamos ou de nós emergiram.

Nesse sentido, *Do mergulho ao vulcão* se pretende uma escrita em múltipla direção: busca contemplar a escrita acadêmica sob uma perspectiva de partilha, o que se evidencia na maneira como se tece discursivamente; apresenta o movimento como possibilidade de alicerce do fazer poético, convidando o leitor a percorrer as poéticas de Aimée e Agnant, exemplares nesse sentido; encontra, nas constelações, a imagem fundamental de todo esse fazer, imagem que constitui a partilha como fazer e que reverbera na análise das obras, tanto no que toca à imagem poética quanto ao arquitetar da palavra enquanto forma. Imagem que ressignifica também o meu percurso enquanto leitor de mitos, percurso que iniciara já no Mestrado.

No que toca especificamente às reatualizações míticas, o caminhar proposto na tese acabou por, no percurso, reafirmar a partilha como fundamento. Foi no construir dessa empreitada que me dei conta de que o mito se dá a conhecer, também ele, por fragmentos, pedaços estelares que se iluminam no espaço da troca, enquanto percorremos a escuridão. Os mitos, afinal, se organizavam diante de meus olhos como constelação, inquietando e desacomodando o menino que fui e que dedicara dois anos e meio de estudos às reatualizações do mito de Penélope na escrita de uma poeta cubana.

Durante o percurso do Mestrado, havia em mim uma preocupação bastante grande com a comprovação da presença mítica de uma Penélope que se anunciava como projeto autoral desde o primeiro poema do livro sobre o qual me debruçava. Nesse sentido, havia me apropriado das caracterizações fundamentais do discurso mítico expressas por Gilbert Durand<sup>9</sup> e da leitura de Roland Barthes<sup>10</sup>, buscando uma forma de estruturar os alicerces da minha proposição de reatualização mítica

<sup>8</sup> Aimée G. Bolaños e Marie-Célie Agnant são duas escritoras contemporâneas de origem caribenha que partiram, respectivamente, de Cuba e Haiti para viver no Brasil e no Canadá. Ambas, embora pouco conhecidas no Brasil em termos de circulação de sua obra, possuem uma rica produção literária, na qual articulam com frequência temas relacionados a seu *estar em trânsito*, embora não se restrinjam a ele. No percurso da tese, construí um breve panorama de suas obras e, depois, dediquei-me mais detalhadamente à leitura dos livros de poemas *Visiones de mujer con alas* (2016), de Aimée, e *Femmes des terres brûlées* (2016), de Agnant, discutindo a possibilidade de se conceber os movimentos de mergulho e de erupção como fundadores dessas poéticas, tanto em termos de concepção formal dos poemas, quanto no que toca às suas imagens, temáticas e sujeitos.

<sup>9</sup> Refiro-me à discussão proposta por Durand (2002) em seu artigo “Perenidade, derivações e desgaste do mito”, segundo a qual o mito possui quatro propriedades fundamentais: configura-se como discurso que se situa no âmbito do não profano; é dotado de pregnância simbólica; apresenta uma lógica que foge à lógica aristotélica do terceiro excluído, congregando oposições; pode ser dividido em unidades mínimas de significação, os mitemas.

<sup>10</sup> Para Barthes (2010), o mito, diferentemente do que nos diz Durand (2002), não está necessariamente atrelado ao campo do sagrado ou do não profano, constituindo-se como forma a partir de um sistema semiológico segundo, pautado no

como eixo de uma construção ficcional. O trabalho com as tessituras de Aimée e Agnant, no entanto, embora a princípio me convocasse a pensar reatualizações míticas embasadas nos mitos de Narciso e de Prometeu, fez-me perceber que a construção de eixos – herança de uma trajetória científica que ainda não havia entrado em contato com os rizomas deleuzianos – não sustentaria o leme da navegação por essas poéticas do movimento. Além do mais, as escritas dessas autoras – o leitor também ter-se-á dado conta durante nossa caminhada pela tese – extrapolam e questionam a supremacia da cultura clássica europeia como espaço de atualização mítica: Aimée aportava Narciso, mas também trazia nas águas do tempo uma Artemisia Gentileschi ou, de outras geografias, Iansã e Iemanjá; Agnant trouxera Salomé e Eva, contemporâneas.

Foi no encontro com o martiniquenho Édouard Glissant que eu pude vislumbrar, nas tramas teóricas, um entrelaçamento entre a abstração da teoria e o que se materializava naquelas escritas enquanto fenômeno. Ao conceber uma utopia do *estar sendo*, o *Tout-monde*, o também poeta concebe a possibilidade de, na era contemporânea, instaurarem-se “aquis” que se revezam, uma vez que, como diz o próprio, o contemporâneo globalizado faz com que se encontrem os lugares da História e do mundo, numa espécie de “tempestade do aqui”. Cabe, então, no encontro com o outro, não mais estabelecer uma relação de descoberta – relação que pressupõe a superioridade daquele que descobre perante quem é descoberto –, mas uma relação de encontro, de troca entre iguais. E, na proposição do encontro, ele acaba por recuperar a imagem com que iniciamos este texto, a partir de Galeano, e que configurou as tessituras da tese sobre a qual aqui se fala em sua extensão: a escuridão que conforma as constelações, esse espaço possível da troca que demarca também o espaço entre o que se ilumina. Embora Glissant não discuta a imagem da constelação, ele defende, na reunião de tempos e espaços do *Tout-monde*, a presença de uma irradiação de obscuridade, a única capaz de apagar as fronteiras e garantir o contato, configurando espaços de passagem e de partilha. Se a irradiação da luz evidencia a diferença e favorece a exclusão, o obscuro irradiado amplia o espaço do entre, coloca-se a serviço da diversidade.

Para Glissant, o único espaço possível para a realização da utopia seria o imaginário poético, chave dessa rede de travessias e passagens culturais à qual corresponde uma capacidade de olhar e de linguagem que confronte antigas visões de mundo, nos aportando uma multiplicidade que a tradição não pode conceber. Tomada não como um gênero literário, mas como forma inovadora de olhar para o mundo, a poesia favoreceria a *drive*, uma predisposição para que o sujeito trace seus próprios caminhos, já que à poesia não cabe conduzir o olhar do leitor em direção específica, mas alimentá-lo a possibilidade de materialização do múltiplo, tomado como substantivo.

Navegando o imaginário glissantiano, não pude deixar de vislumbrar, nas poetisas que estudei, a possibilidade de conceber o escritor como contrabandista dos sentidos, penélopes desfazendo as tramas hierárquicas de uma tradição e retecendo as suas, multidirecionais, prismáticas, deixando fios desatados e rastros para que nós, leitores, tramemos também as nossas tessituras. E foi a partir dessa navegação, talvez, tocado pela utopia de Glissant e pelas constelações míticas dessas poetisas, que me dei conta da impossibilidade – ou da minha falta de desejo – de, no contemporâneo, retomar o mito como estrutura de uma tessitura poética. Diferentemente do projeto penelopiano a que me dedicara no Mestrado, eu me deparava então com a multiplicidade dos fragmentos, as referências a diferentes mitologias passando diante dos olhos, no fluir do verso, como *hiperlinks* que eu divisava graças à minha bagagem pregressa ou à adquirida na leitura de obras anteriores de uma Aimée encantada e afetada por seu contato com os egípcios, os persas e os iorubás, por exemplo.

Encontrar a multiplicidade dos mitos que se manifestam pela iluminação de um pequeno fragmento de si, contrariando as prescrições durandianas, me fez compreender que o movimento do texto é também movimento leitor e que, no espaço da troca, ainda há certamente outras frações de escuro por irradiar, frações que só podem significar troca, no espaço acadêmico, a partir de uma escrita que deseje o leitor e que o convide a mover-se conosco, também.

---

esvaziamento dos signos em termos de significação. Na leitura de Barthes, o mito se coloca como um discurso que nasce e se inscreve em outro discurso.

**Referências**

- AGNANT, Marie-Célie. *Femmes des terres brûlées*. Montréal: Éditions de la Pleine Lune, 2016.
- BARBOSA, Giliard Avila. *Nas tramas de outra odisseia: as tessituras míticas em Viagens de Penélope*, de Juana Rosa Pita. 2013. Dissertação (Mestrado em Letras). Instituto de Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2013.
- \_\_\_\_\_. *Do mergulho ao vulcão: habitar a poesia com Aimée G. Bolaños e Marie-Célie Agnant*. 2019. Tese (Doutorado em Letras). Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.
- BARTHES, Roland. *A câmara clara*. Tradução e apresentação de Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015. Coleção 50 Anos.
- \_\_\_\_\_. *Mitologias*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2010.
- BENJAMIN, Walter. *Origem do drama barroco alemão*. Tradução, apresentação e notas de Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1984. Coleção Elogio da Filosofia.
- BOLAÑOS, Aimée G. *Visiones de mujer con alas*. Madrid: Betania, 2016.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2. v. 1*. Trad. Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. São Paulo: Ed. 34, 2011.
- \_\_\_\_\_. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2. v. 5*. Trad. Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: Ed. 34, 2012.
- DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia geral*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- GALEANO, Eduardo. *O livro dos abraços*. Porto Alegre: L&PM, 2009.
- GLISSANT, Édouard. *Introdução a uma poética da diversidade*. Trad. Enilce do Carmo Albergaria Rocha. Juiz de Fora: Ed. da UFJF, 2005. Coleção Cultura, v. 1.
- \_\_\_\_\_. *Tout-monde*. Paris: Gallimard, 1993.
- PARTILHA. Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/partilha>. Acesso em: 30 set. 2020.
- VECCHIA, Agostinho Mario Dalla. Afetividade. In: STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (Org.). *Dicionário Paulo Freire*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

Recebido em: 30 set. 2020.

Aprovado em: 4 fev. 2021.